

Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl

Ivo Studart Pereira

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

No presente trabalho, procurou-se investigar um ponto central na obra do psiquiatra austríaco Viktor Frankl, criador da Logoterapia: as acepções para o termo “sentido da vida”. Em nosso entendimento, o tema concerne, fundamentalmente, a visão de mundo que alicerça a mencionada escola psicológica, constituindo uma categoria chave para uma compreensão mais adequada do pensamento do autor. O traçado lógico do artigo esforçou-se em explicitar a discussão a respeito da objetividade do sentido e sua relação com a gênese dos valores. Por fim, o texto foi articulado conclusivamente para defender a existência de uma fundação de mundo a partir do sentido, no escopo teórico da Logoterapia.

Palavras-chave: Viktor Frankl; logoterapia; sentido da vida.

ABSTRACT

Viktor Frankl: World and meaning

The present paper aimed to research a central point on the Austrian psychiatrist Viktor Frankl's work: what is meant by the expression “meaning of life”. We believe that the mentioned issue constitutes the cornerstone of Logotherapy world view. It's also our point showing how decisive that category is for a proper understanding of the author's thought. Our logic path led us to a discussion over the objective quality of meaning and its relation to the origins of values. At last, we stand for the existence of a world founded by meaning in Logotherapy theory.

Keywords: Viktor Frankl; logotherapy; meaning of life.

RESÚMEN

Mundo y sentido en la obra de Viktor Frankl

En el trabajo que presentamos se buscó analizar los elementos centrales en la obra del psiquiatra austríaco Viktor Frankl, creador de la Logoterapia: los significados para la expresión “significado de la vida”. Entendimos que el tema se refiere a la forma de ver el mundo, en la cual se basa la escuela psicológica, constituyendo una categoría central para el acercamiento comprensivo al pensamiento del autor. Este artículo nos lleva al debate sobre la objetividad del significado y su relación con el origen de los valores. Por fin, afirmamos la creencia de un mundo basado en el sentido, en el eje teórico de la logoterapia.

Palabras clave: Viktor Frankl; logoterapia; significado de la vida.

Numa época em que já não se consegue mais encontrar o sentido incrível, as pessoas passam a considerar o absurdo como a única coisa que podem criar por si mesmas. [...] Fazemos um teatro do absurdo para podermos, pelo menos, embebedarmo-nos de falta de sentido. Porque esta, sim, pode ser fabricada; e a fabricamos *ad nauseam* (Frankl, 2003b, p. 47).

INTRODUÇÃO

O psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997) é o fundador da chamada Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida, também, como a “Psicoterapia do Sentido da Vida” ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia. A questão sobre o “sentido da vida” constitui um dos temas principais da produção intelectual de Frankl, desde a juventude até seus escritos mais maduros, de modo que acreditamos fazer-se pertinente uma abordagem mais acurada a respeito do problema.

Em nosso entendimento, a acepção do termo “sentido” constitui a pedra angular sobre a qual se alicerça

a visão de mundo subjacente à Logoterapia. Deve-se, igualmente, frisar que interpretações equivocadas de tal vocábulo também vêm sendo fonte das mais diversas formas de apropriação indevida do sistema construído por Frankl e discípulos. Não raro, o mencionado conceito é tomado como pressuposto vago, o que tem viabilizado toda uma série de críticas infecundas e pouco embasadas. A própria polissemia do termo, utilizada nas mais diversas acepções (direcionamento, justificação, propósito, revelação, etc.), parece, também, tornar a questão ainda mais obscura. Recorreremos, no entanto, à própria letra de Frankl a fim de esclarecer o problema a que, ora, nos propusemos discutir.

A OBJETIVIDADE DO SENTIDO

Seguindo a tradição da ética material dos valores, iniciada por Max Scheler (1874-1928), Frankl procura assegurar, já num primeiro momento, a objetividade do sentido. Sua preocupação consiste em garantir, antes de tudo, uma salvaguarda teórica contra interpretações relativistas, convencionalistas ou céticas. Se fos-

se possível que dois homens se encontrassem sob uma mesma situação concreta na vida, o “órgão do sentido” – a consciência moral do ser humano (*Gewissen*) – apontaria para a mesma possibilidade de ação (Lukas, 1989, p. 43). Cabe, já aqui, fazer menção a uma das idéias através das quais a Logoterapia ficou conhecida como uma “revolução copernicana” na psicologia, através de uma máxima onipresente nos escritos de Frankl:

Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é *ela* que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida *respondendo por* sua própria vida; à vida, ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana (Frankl, 1985, p. 98).

Isto é, não devo perguntar à vida, numa postura reflexiva e autocêntrica, o que ela quer de mim; eu é que me encontro, a cada instante, sendo indagado por ela, e cabe, apenas a mim, responder, realizando o sentido único de cada situação. Podemos conceber melhor essa “objetividade” do sentido, quando a compreendemos como uma herança de Scheler. Aliás, o próprio Frankl chegou a afirmar que a Logoterapia poderia ser entendida como uma “tentativa de aplicação das categorias de Max Scheler na psicoterapia”, na mesma medida em que comparava a relação entre os conceitos heideggerianos e a Daseinanalyse de Ludwig Binswanger (Frankl, 1988, p. 10). Ora, discípulo direto de Edmund Husserl (1859-1938), Scheler reformulou as idéias de seu mestre em vários pontos, e o principal deles parece ser a orientação realista que conferiu à fenomenologia, contrapondo-se ao idealismo original de tal corrente:

Enquanto Husserl acentua e privilegia a atividade transcendental na constituição das essências, Scheler afirma taxativamente que as essências são percebidas intuitivamente e não fabricadas pelo sujeito. [...] Max Scheler se destacou pela maneira pessoal e original de entender a fenomenologia e o seu método, adaptando e desenvolvendo a proposta husserliana, voltada para a análise da intencionalidade da consciência como único caminho seguro para se alcançar a verdadeira objetividade (Costa, 1996, p. 16).

Essa orientação realista está, também, bastante presente em Frankl:

A Fenomenologia demonstrou que a qualidade de transcendência do objeto no ato intencional é sempre já presente em seu conteúdo. Se vejo uma lâm-

pada de leitura, o fato de que ela está ali já é dado juntamente com a percepção que eu tenho dela, mesmo que eu feche meus olhos, ou vire minhas costas a ela. Na percepção de um objeto como algo real, já está contida a implicação de que eu reconheço sua realidade, independentemente da percepção que eu, ou qualquer outro sujeito, possa ter do objeto. O mesmo vale para os objetos da percepção valorativa (Frankl, 2003a, p. 74).

Logo, Frankl também se ocupa em afastar, inicialmente, a idéia de que a expressão “sentido da vida” faça referência a um sentido total, globalizante e arrebatador. Isto é, analisar o sentido da vida genericamente significa colocar a questão em termos inapropriados, já que o termo “vida” não deve ser tomado com a vagueza que pressupõe e, sim, como a existência concreta e singular de uma pessoa, num determinado contexto histórico e situacional. Há, sim, a referência a um “suprasentido”, tema esse mais amplamente trabalhado nos escritos franklianos sobre as relações entre Psicoterapia, Teologia e Religião – algo de que não nos ocuparemos neste trabalho. Segundo Frankl, uma abordagem sobre o tema em termos gerais seria o mesmo que perguntar a um grande mestre enxadrista a respeito da “melhor jogada” em xadrez (Frankl, 1985, p. 98). Ela, simplesmente, não existe, pois não existe algo como um conceito puro do que venha a ser a totalidade do xadrez. Trata-se de um jogo, de uma relação entre jogadores e possibilidades concretas de jogada.

Cada situação da vida é única e, nesse caráter de algo único, Frankl delineia aquilo que quer fazer entender por “sentido”. Reavivando a metáfora acima, o outro jogador me impõe um quadro de possíveis e, dentre eles, minha jogada deverá atualizar algo que me aparece com um caráter de necessidade, ligado à intencionalidade daquele que me outorgou uma determinada situação concreta. Em outros termos, Frankl, em seu estilo narrativo, nos remete a um episódio por que passara durante uma conferência em uma universidade americana:

Em uma de minhas palestras pelos Estados Unidos, foi solicitado à platéia que me enviassem perguntas em pequenos papéis; um teólogo ficou responsável de colhê-las entregá-las a mim. O dito rapaz, num determinado momento, sugeriu que eu pulasse uma pergunta, porque, como ele disse, ‘não fazia o menor sentido’: ‘alguém deseja saber como você define seiscentos [600] em sua teoria da existência?’. Quando eu li a pergunta, eu vi um diferente significado. ‘Como você define Deus [GOD] em sua teoria da existência?’. Escritas em letra de forma, as palavras Deus [GOD] e seiscentos

tos [600] eram de difícil diferenciação. Bom, não teria sido isso um teste projetivo não-intencional? Afinal, o teólogo leu '600' e o neurologista leu 'Deus'. Mas, o único jeito de ler a pergunta era o jeito certo. Apenas um modo de ler a pergunta foi tencionado por quem a formulou. Deste modo, chegamos a uma conclusão sobre o que se deve entender por 'sentido' [meaning]. Sentido é o que se tenciona [meaning is what is meant], seja por uma pessoa que me pergunta algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por resposta (Frankl, 1988, pp. 61-62).

O jogo de palavras em língua inglesa, neste caso, é mais do que mero recurso estilístico. Vejamos alguns dos usos correntes de tal vocábulo (meaning): "What's the meaning of that word?" [qual é o sentido desta palavra?]; "I didn't mean to do it" [não tive a intenção de fazê-lo]; "what do you mean?" [o que você quer comunicar? O que você tenciona dizer?]. Nesses três exemplos de uso lingüístico, encontramos um eixo comum nas noções de inteligibilidade e de propósito significativo, à guisa de curiosidade, bem caras às noções gerais da Fenomenologia de Husserl como teoria transcendental do conhecimento. Isto é, metaforicamente, traz-se de volta o velho ditado que afirma que "para cada pergunta, só haverá uma resposta correta: aquela que satisfizer o enunciado da questão". Para Frankl, a existência concreta do ser humano encerra situações únicas que "mean", isto é, que tencionam uma resposta, exatamente, na medida em que forem interpretadas, objetivamente, como questionamentos.

Logo, "meaning" (sentido) é o *insight* gestáltico (como veremos a seguir), o efeito da resposta para o que está "meant" (tencionado), para a pergunta, que, sempre, trará consigo uma intenção, como se desprende de outro dito popular, "quem pergunta quer saber". No exemplo dado, o psiquiatra leu "GOD" e o teólogo leu "600". No entanto, a resposta só será a certa quando se considerar o desígnio, a intenção significativa de quem a formulou. Nós não inventamos as perguntas (subjetivismo). A vida não se assemelharia, portanto, a um teste de Rohrschach, em que o indivíduo deve projetar conteúdos inconscientes por sobre as interpretações das manchas de tinta. Frankl prefere a idéia de um quebra-cabeça, em que "é preciso achar a figura do ciclista; temos que virar o desenho de um lado para o outro, até acharmos sua silhueta, escondida [...]. Ele *está lá*: é uma realidade objetiva" (Frankl, 2003b, p. 28). Contra a idéia generalizada pela psicanálise americana de sua época, na afirmação de que os valores não seriam "nada mais que" mecanismos de defesa e formações reativas, Frankl costumava responder: "No que me diz respeito, nunca e jamais me disporia a viver graças a minhas formações reativas ou a

morrer em virtude de meus mecanismos de defesa" (Frankl, 1990, p. 16).

Na Logoterapia, há o pressuposto intransigente de que, não importa qual seja a situação concreta do indivíduo, sempre haverá uma "resposta certa", sempre se poderá, incondicionalmente, viver com sentido, diante das "perguntas" da vida: "E no fundo estou convencido de que não há situação que não encerre uma possibilidade de sentido. Em grande parte esta minha convicção é tematizada e sistematizada pela Logoterapia" (Frankl, 1981, p. 115). Não podemos, portanto, perguntar pelo sentido, já que este reside na resposta [*verantworten*] que nós temos que dar.

Isto é, trata-se de, como gostamos de chamar, de algo como uma "inteligibilidade existencial". Nesse raciocínio, Frankl faz menção aos trabalhos da Escola de Berlim, dos fundadores da Psicologia da Gestalt, que se ocuparam, em grande parte, de pesquisas de inspiração fenomenológica a respeito de uma epistemologia embasada na noção de "estrutura", como conjunto não somativo (Penna, 1980). Analogicamente, o sentido – na acepção existencial que tomamos aqui –, também, seria percebido como portador de uma forma [*gestalt*], numa correlação com o caráter de exigência que existe intrinsecamente à função de dependência figura – fundo, no processo de percepção da realidade. Citando Weirtheimer, Frankl coloca:

Uma situação, como '7 + 7 = ?' constitui um sistema portador de uma lacuna [*gap*]. É possível preencher esse espaço vazio de várias maneiras. O complemento '14', no entanto, corresponde à situação, encaixa-se na lacuna, atende ao que é estruturalmente exigido nesse sistema, nesse lugar, com sua função no todo. Outros complementos, como '15', não se encaixam, não são os corretos. Chegamos, aqui, ao conceito de *exigências da situação*, à idéia de *caráter de necessidade* [*requiredness*]. 'Exigências' de tal ordem possuem uma qualidade objetiva (Wertheimer apud Frankl, 2003a, p. 79).

No caso do sentido, no entanto, não se trata de uma "figura" que salta de um "fundo", "trata-se da descoberta de uma possibilidade diante do pano de fundo da realidade. Na verdade, trata-se da possibilidade de se transformar a realidade" (Frankl, 1981, p. 45). Logo, não se está falando de uma entidade forjada pela cultura e apreendida pela razão em termos meramente lógicos, pois esse caráter de necessidade, dessa forma necessária à configuração, constitui algo independente do sujeito e, na mesma medida em que não foi criado por ele, funda-se, pois, no mundo e sustenta-se, logo, no real.

Para a Logoterapia, a realização do sentido satisfaz a aspiração mais básica do ser humano, que passa a compreender a própria existência como justificada,

como força vital perene e incessante, através de cuja afirmação radical, se pode pensar a vida como uma espécie de missão pessoal e inalienável. O “espanto de existir”, de compreender-se a si mesmo como existente, pode levar a dois caminhos: o do sentido, ou o do absurdo. A idéia do ponto de partida fundamental da fenomenologia, com Frankl, revela a estrutura fundamental da existência como, ao mesmo tempo, dádiva e incumbência:

Que é que eu devo fazer e que não pode ser feito por ninguém, absolutamente ninguém exceto eu mesmo? O dever imanente a cada vida surge então como uma imposição da estrutura mesma da existência humana. Nenhum homem inventa o sentido da sua vida: cada um é, por assim dizer, cercado e encurralado pelo sentido da própria vida. Este demarca e fixa num ponto determinado do espaço e do tempo o centro da sua realidade pessoal, de cuja visão emerge, límpido e inexorável, mas só visível desde dentro, o dever a cumprir (CARVALHO, 1997).

Bataille também descreve, de maneira particularmente interessante, o *insight* dessa percepção de singularidade radical:

Se considero minha vinda ao mundo – ligada ao nascimento após a união de um homem com uma mulher e até o instante da união – uma única probabilidade decide sobre a possibilidade deste eu que eu sou: em última instância, a louca improbabilidade do único ser sem o qual, para mim, nada seria. A mais ínfima diferença na série em que eu sou o termo: em vez de mim, ávido por ser eu, haveria apenas outro; quanto a mim, haveria apenas o nada, como se eu estivesse morto (Bataille, 1992, p. 109).

Frisa-se, novamente: cada situação vivida encerra, em si, uma pergunta. A singularidade de cada momento vivido, que só ocorre uma vez, traz consigo a idéia da unicidade da vida do indivíduo enquanto tarefa: “Cada ser humano particular constitui algo único, e cada situação na vida só ocorre uma vez. [...] Desta maneira, cada homem, em seus momentos específicos, só pode ter uma tarefa”. Radicalizando tal concepção, o autor frisa, mais adiante: “Mas, essa singularidade mesma constitui o caráter absoluto de seu dever” (Frankl, 2003a, p. 46). No entanto, não se deve entender a unicidade do sentido como algo que venha a sufocar o ser humano:

Pode acontecer de uma tarefa não render-se ao esforço do homem, enquanto outra, de maneira complementar, se apresenta como uma alternativa. Deve-se cultivar uma flexibilidade para mudar para

outro grupo de valores, se este permitir maior possibilidade de atualização de valores. A vida exige do homem uma flexibilidade espiritual, a fim de que se direcionem os esforços para as melhores chances oferecidas (Frankl, 2003 a, p. 43).

O SENTIDO E OS VALORES

O sentido é único e sempre vinculado a uma situação singular e irrepitível. No entanto, há algo como “universais de sentido” ou “possibilidades gerais de sentido” (Frankl, 2003a, p. 79), a que se deu o nome de valores. Para esclarecer essa questão, Frankl se utiliza de uma metáfora geométrica. O sentido corresponderia a um ponto, sendo, portanto, adimensional. Ao longo da história da humanidade, no entanto, situações semelhantes foram tomando lugar, e a realização de sentidos únicos foi mapeando uma ordem geral de sentidos: os valores. Na metáfora de que fazemos uso agora, os valores seriam como círculos. Os sentidos únicos, sendo adimensionais, não poderiam sofrer intersecções ou coincidências, mas se poderia admitir, num primeiro momento, que os valores, sim, poderiam sobrepor-se, chocar-se.

Vemos, na Figura 1, a representação dos pontos (como sentidos únicos e adimensionais), os círculos como valores e o choque entre dois círculos, admitindo a possibilidade de uma contradição entre valores. Frankl, no entanto, rejeita tal idéia, argumentando que essa não seria a representação dimensional adequada. Essa colisão só seria possível numa projeção em duas dimensões. A melhor análise, no entanto, viria de uma representação tridimensional, entendendo-se os valores como esferas espaciais. Deste modo, os valores não se contradiriam, isto é, não ocupariam o mesmo lugar no espaço, não entrariam em choque.

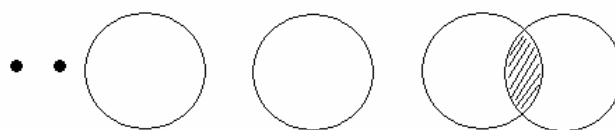


Figura 1 (Frankl, 1988, p. 56).

Numa projeção num plano bidimensional, no entanto, poderia ter-se a impressão de conflito, como na Figura 1. Isto só ocorre, no entanto, por conta de que um valor se encontraria numa coordenada mais elevada do que o outro: “A impressão de que dois valores podem colidir entre si é uma consequência do fato de que uma dimensão inteira se encontra negligenciada”. E qual seria tal dimensão? Frankl explicita: “É a ordem hierárquica dos valores. De acordo com Max Scheler, valorar

significa preferir um valor em detrimento de outro” (Frankl, 1988, p. 57).

Na Figura 2, vê-se a representação adequada dos valores, nas três dimensões. A projeção no plano bidimensional pode causar a impressão de choque entre valores, mas, como vimos, para Frankl, isso não ocorre. Isto é, os valores, atrelados que são à *conditio humane*, cristalizam-se nas culturas como universais de sentido, mas, exatamente por serem universais, não podem dar sempre conta do caráter de singularidade e irrepetibilidade de todas as situações. Com tal argumentação, Frankl deseja demonstrar que se pode, apenas, ter a impressão de que os valores se contradizem, mas que, através de uma análise mais acurada, percebe-se que se trata, de fato, de uma questão hierárquica. Trata-se de uma salvaguarda lógica contra a argumentação de que os valores, por, aparentemente, sempre portarem a possibilidade de contradição entre si, seriam, absolutamente, produtos localizados de subjetividades específicas e datadas.

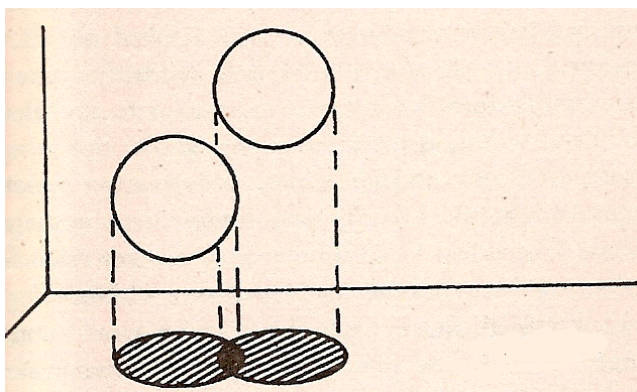


Figura 2 (Frankl, 1988, p. 57).

A presença dos valores “alivia”, de certa forma, o homem da busca por sentido, por constituir-se como uma espécie de guia geral. No entanto, o referencial último se fundará, sempre, na contingência e na imprevisibilidade de uma situação específica. A objetividade do sentido não desemboca, de modo algum, em algo como uma ética prescritiva. O sentido que se pode atualizar numa situação é sempre único e não apresenta relação alguma de necessidade com padrões estabelecidos de valores. O sentido é o fator dinâmico; o valor é a abstração de um universal para o sentido.

A crítica de que a Logoterapia redundaria numa psicologia moralizante, baseada na norma da tradição, no padrão, parece não se sustentar diante do que, ora, vemos aqui. O pensador vienense sempre apostou na perenidade do sentido, mas nunca postulou a eternidade dos valores; pelo contrário, sempre esteve ciente da caducidade destes: “É verdade que o homem

experimenta uma degradação de valores, princípios éticos e morais, de validade mais ou menos geral [...]”. Mais adiante, reconhece, mais especificamente, o caráter transitório dos valores: “[...] com o decurso da história, esses valores degradam-se efetivamente, cristalizando-se nos quadros da sociedade humana” (Frankl, 2003a, p. 79).

Isto é, quando se tenta submeter, a todo custo, o sentido único ao padrão universal de valor, tende-se, sistematicamente, a um decaimento. A apelação constante para os valores pode constituir uma espécie de “fuga” à realização do sentido:

Esta degradação [dos valores], porém, vem a ser para o homem o preço pago por declinar de si os conflitos. Não se trata aqui propriamente de conflitos de consciência; de resto, tais conflitos não existem na realidade, pois é inequívoco o que a consciência dita a cada um. O caráter de conflito é antes inerente aos valores: na verdade, *ao contrário* do sentido das situações irrepetíveis e únicas de cada caso, que é *concreto* (e, como costume dizer, o sentido sempre é sentido não só *ad personam*, mas também *ad situationem*), os valores são, por definição, *abstratos universais-de-sentido*; como tais, não valem pura e simplesmente para pessoas inconfundíveis, inseridas em situações irrepetíveis, estendendo-se a sua validade a uma área ampla de situações repetíveis, típicas, que interferem umas nas outras (Frankl, 2003a, p. 80. Grifos originais).

Nesse raciocínio, a perda das tradições - que se experimenta contemporaneamente - não constituiria um problema real, tendo em vista o postulado da onipresença de sentido no mundo. Frankl, por apostar na renovação contínua dos valores através da atualização de novos sentidos únicos, acabou tornando-se um grande crítico das tendências sociais de controle de nossa cultura que, no último século, ocupou-se em negar, tanto quanto pôde, o valor e a autonomia da consciência individual. Interessante é lembrar as saudáveis provocações do psiquiatra em suas palestras nos Estados Unidos, quando fazia sempre a apologia da construção de uma “Estátua da Responsabilidade” na Costa Oeste, para complementar, simbolicamente, a Estátua da Liberdade na Costa Leste. Contudo, o problema maior desemboca mesmo num grande desafio pedagógico: a educação, para Frankl, deveria assumir, cada vez mais, um direcionamento de “educação para a responsabilidade”:

De fato, se o homem deve encontrar sentido até mesmo numa era que não cultivava mais valores, ele deve estar provido com a plena capacidade de sua consciência. Logo, em nosso tempo, parece que o papel da educação, mais do que transmitir tradi-

ções e conhecimentos, deveria ser o de refinar a capacidade humana de encontrar sentidos únicos. [...] Numa era em que os Dez Mandamentos parecem ter perdido sua validade incondicional, o ser humano tem que aprender, mais do que nunca, a ouvir os dez mil mandamentos relacionados às dez mil situações singulares de que sua vida consiste (Frankl, 1988, pp. 54-56. Grifos nossos).

O pai da Logoterapia procura aproximar esse modo de existência – da vida com sentido – com a do homem comum, “que não vagou durante anos de psicanalista em psicanalista”, ao homem que “não sofreu por anos a fio a doutrinação dos cursos universitários de psicologia”. Esse modo de existência é aquilo que este homem “da rua” quer dizer quando fala de “ser homem” (Frankl, 2003b, p. 32). Trata-se daquilo que, em Logoterapia, se entende pela auto-compreensão ontológica pré-reflexiva do ser humano: ainda que, de maneira não formal ou intelectualizada, o homem se compreende a si mesmo como um ser em busca de sentido; tal é a hipótese frankliana (FRANKL, 1992, p. 71). Há comprovação empírica de que, independentemente de fatores como condição social, sexo, orientação religiosa, idade, QI e meio ambiente, o ser humano pode encontrar sentido para sua vida (Frankl, 1992, p. 80).

Em linhas gerais, de que modo seria possível encontrar sentido? Citando a psicóloga Charlotte Bühler, Frankl responde a tal questionamento, afirmando que o que pode ser feito é estudar a vida das pessoas que “parecem haver encontrado suas respostas às questões em torno das quais gira em última análise a vida humana e compará-las com a vida daquelas que não as encontraram” (Bühler apud Frankl, 1992, p. 123). Didaticamente, dividiram-se, na Logoterapia, três classes fundamentais de valor em que o ser humano pode encontrar sentido em sua existência. Posso encontrar sentido na minha ação enquanto criador: quando enriqueço o mundo com minha atividade, na minha doação a uma tarefa criativa. Esses formam os chamados valores de criação. Posso, também, encontrar sentido em minha vida quando me entrego à experiência de algo que recebo no mundo, ou no encontro de amor com outro ser humano: são os valores de vivência. No entanto, ainda que a vida me impossibilite a criação ou o amor, posso encontrar sentido na experiência de um destino imutável, através da escolha de uma atitude afirmativa da vida: têm-se, aí, os valores de atitude:

Pois não somente uma vida ativa tem sentido em dando à pessoa a oportunidade de concretizar valores de forma criativa. Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa realizar valores

na experiência do que é belo, na experiência da arte ou da natureza. Também há sentido naquela vida que – como no campo de concentração – dificilmente oferece uma chance de se realizar criativamente ou em termos de experiência, mas que lhe reserva apenas uma possibilidade de configurar o sentido da existência, e que consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre seu ser. [...] Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá (Frankl, 1985, p. 67).

Com estes, Frankl arremata seu princípio do sentido onipresente e incondicional da vida, citando, como ilustração, os dizeres de Goethe: “Não há nada que não se deixe melhorar: seja pela atividade, seja pela paciência”, que, colocados em outras palavras, significam: “Ou nós mudamos o destino – na medida em que isto é possível – ou então nós o aceitamos de boa vontade – na medida em que isto é necessário” (Frankl, 1981, p. 73). O sofrimento, em si, não é o que aparece como problema, mas, sim, o desespero. Este é que se configura como o sofrimento vivido no absurdo. Nesse raciocínio, é que a Logoterapia reformula as considerações práticas do êxito clínico da psicanálise freudiana, postulando que: 01) o sujeito deveria recobrar sua capacidade de amar (no lugar de, meramente, realizar prazer, gozar); 02) o cliente deveria voltar, também, à sua capacidade de trabalho e 03) o indivíduo deveria readquirir sua capacidade de sofrer (Lukas, 1989, p. 23). No momento, não nos debruçaremos sobre a imensa casuística de fundamentação empírica, contentando-nos em, apenas, citar as três categorias.

CONCLUSÃO: MUNDO E SENTIDO

Ao longo deste breve texto, procuramos explicitar a relação necessária entre o “sentido da vida”, como sentido concreto de cada situação vivida, e a visão de mundo subjacente ao pensamento de Frankl. O *Logos* da Logoterapia refere-se a um sentido que se funda no mundo, o qual, por sua vez, apresenta, intrinsecamente, uma estrutura própria de inteligibilidade axiológica. Nesse estado de coisas, podemos, sim, falar de uma fundação de mundo a partir do sentido e, conseqüentemente, de uma ética fundada no real e só sustentada pela pressuposição de um domínio ontológico a partir do qual o homem seja compreendido como livre e responsável diante de sua consciência [*gewissen*]. A vida tem sentido, porque, independentemente de qualquer criação subjetiva, cada situação concreta se dá num mundo em que haverá aquela “melhor possibilidade”, aquele possível que satisfaz o questionamento, que preenche o intervalo [*gap*]. Afinal, é a vida que pergunta, não nós. Esse ponto fica ainda mais claro

quando Frankl se debruça sobre o declínio das tradições:

Hoje, vive-se uma era de esgotamento e desaparecimento das tradições. Desse modo, ao invés de novos valores serem encontrados através de sentidos únicos, o inverso ocorre. Valores universais estão em declínio. Por isso, cada vez mais pessoas são tomadas por um sentimento de falta de propósito, ou de vazio, ou, ao que costumamos chamar de vácuo existencial. *No entanto, mesmo se todos os valores universais desaparecessem, a vida continuaria cheia de sentido, já que os sentidos únicos permanecem intactos mesmo com a perda das tradições* (Frankl, 1988, p. 54. Grifos nossos).

Entender essa faceta da “revolução copernicana” na psicologia nos parece fundamental para uma melhor compreensão da proposta da Logoterapia. Para concluirmos, no entanto, faz-se mister que se frise a consequência maior que um mundo fundado pelo sentido acarreta: uma postura radical de afirmação da vida, mesmo em seu caráter de finitude e de sofrimento. Contra o pessimismo contemporâneo, Frankl se diz “realista” (Frankl, 1988, p. IX), ou ainda, um “otimista trágico”, que, em momento nenhum, pode ser confundido com um “otimista barato” (Frankl, 1981, p. 64), o qual se vale de esforços artificiais, vazios e indignos do homem:

Em outras palavras, o que importa é tirar o melhor de cada situação dada. O ‘melhor’, no entanto, é o que em latim se chama *optimum* – daí o motivo por que falo de um otimismo trágico, isto é, um otimismo diante da tragédia e tendo em vista o potencial humano que, nos seus melhores aspectos, sempre permite: 1. transformar o sofrimento numa

conquista, numa realização humana; 2. extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; 3. fazer da vida um incentivo para realizar ações responsáveis (Frankl, 1985, p. 119).

REFERÊNCIAS

- Bataille, G. (1992) *A Experiência Interior*, (2ª ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Carvalho, O. de. (1997) *A Mensagem de Viktor Frankl*. Disponível em: <<http://www.oindividuo.com/convidado/olavo1.htm>>. Acesso em: 15 novembro 2006.
- Costa, J. S. da. (1996) *Max Scheler: o personalismo ético*, (1ª ed.). São Paulo: Editora Moderna.
- Frankl, V. E. (1981) *A Questão do Sentido em Psicoterapia*, (1ª ed.). Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papirus Editora.
- Frankl, V. E. (1985) *Em Busca de Sentido*. Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. (1ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Frankl, V. E. (1988) *The Will to Meaning*, (1ª ed.). Nova Iorque: Meridian Books. (Trechos neste trabalho traduzidos por Ivo Studart Pereira).
- Frankl, V. E. (1990) *Psicoterapia para Todos*, (1ª ed.). Tradução de Antonio Allgayer. Petrópolis: Editora Vozes.
- Frankl, V. E. (1992) *A Presença Ignorada de Deus*. Tradução de Walter Schlupp e Helga Reinhold. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lukas, E. (1989) *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. Tradução de José de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola.
- Penna, A. G. (1980) *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Recebido em: 12/09/2007. Aceito em: 03/04/2008.

Autor:

Ivo Studart – Psicólogo e mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do CNPq.

Endereço para correspondência:

IVO STUDART
E-mail: ivusp@yahoo.com.br